

**LUIZ GAMA E BENARDO GUIMARÃES: UM ESTUDO COMPARADO
SOBRE AFRO-BRASILIDADE NO ROMANTISMO**

Meila Oliveira Souza Lima (UEFS)
Adeíto Manoel Pinho (UEFS)

RESUMO

O romantismo brasileiro foi marcado por significativas transformações políticas e econômicas, sendo transmitido nas obras dos inúmeros autores desse período da nossa literatura. Muitos produziram somente durante o tempo de estudante e outros seguiram a vida de escritor, conciliando com outras carreiras, como é o caso de Bernardo Guimarães (1825-1884), sendo *A Escrava Isaura* (1875) a obra mais conhecida. Outro autor do romantismo brasileiro é Luiz Gama (1830-1882), que escreveu o livro *Trovas Burlescas* (1859), se destacando pelos seus escritos e pela posição que adotou diante dos aristocratas e políticos da época. Os dois poetas, Guimarães e Gama, foram contemporâneos visto que enxergaram as trevas de sua época, viram e falaram dos problemas existentes, além de utilizarem um tema polêmico e até proibido: a afro-brasilidade. Sendo assim, faremos um estudo comparado entre os poemas *A Orgia dos Duendes* (1865) e *Uma Orquestra* (1859), pois ambos relatam um ritual de origem africana, abordados de maneira distinta por seus autores e que será aqui comparado. Faz-se importante essa análise, pois a cultura dos negros escravizados ainda é tabu na sociedade, sendo estigmatizada e estereotipada. Como a proposta do simpósio abarca desafios, o debate sobre essas manifestações é fundamental para os estudos na contemporaneidade. A pesquisa tem cunho bibliográfico e tem como aporte teórico Giorgio Agamben, Roger Bastide, Adeíto Manoel Pinho, Lígia Ferreira, dentre outros.

Palavras-chave: Afro-brasilidade. Estudo comparado. Romantismo.

Apresentação

A escola romântica no Brasil foi marcada por acontecimentos significativos em nossa história política, econômica e cultural, sendo retratadas nas obras dos inúmeros autores desse período da nossa literatura. Esses romances relatavam o dia a dia da sociedade urbana, dos novos modos de vida, como as festas nos salões, as moças que frequentavam modistas e cafeterias, as reuniões masculinas em bares. É das faculdades que saem boa parte dos nossos autores românticos. Muitos produziram somente durante o tempo de estudante e outros seguiram a vida de escritor, conciliando com outras carreiras, como é o caso de Bernardo Guimarães (1825-1884), que é mais conhecido

pela sua prosa, sendo autor de *A Escrava Isaura* (1875), além de outros romances. Sua poesia ainda é pouco estudada.

A figura do índio foi preciosa para essa época visto que foi no Romantismo que se buscou uma identidade nacional. Os indianistas pretendiam fazer deste não só um personagem literário, mas um herói. Porém, foi totalmente europeizado em muitos romances. Os nacionalistas nem se preocuparam com a condição do negro, afinal, o movimento romântico estava direcionado à classe dos senhores de terra e escravocratas.

Quanto aos escravos africanos, sabemos que viveram por longos séculos sendo explorados e discriminados pela sociedade que por aqui surgia e vivia. A população brasileira que se formava seguia os costumes europeus. O negro foi obrigado a deixar sua cultura, esquecer sua religiosidade, aceitar a religião Católica e adorar aos santos dela.

Outro escritor do romantismo brasileiro é Luiz Gama (1830-1882), com o livro *Trovas Burlescas* (1859), que se destacou pelos seus escritos e pela posição que adotou diante dos aristocratas e políticos da época. Além da sua autoafirmação como negro, Gama, diferente dos românticos, não exaltou o índio como elemento nacional.

Os dois poetas, Guimarães e Gama, foram contemporâneos visto que enxergaram as trevas de sua época, viram e falaram dos problemas existentes, além de utilizarem um tema polêmico e até proibido: a afro-brasilidade, além de muitos personagens negros. “Contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro [...] é justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente” (AGAMBEN, 2009, p.62,63).

Sendo assim, faremos um estudo comparado entre os poemas *A Orgia dos Duendes* (1865) e *Uma Orquestra* (1859), pois ambos descrevem uma festa de origem africana, proibido em suas épocas e por isso o caráter alegórico dos mesmos.

Por não ser permitida tal festa, os autores utilizam alegorias e disfarces para mascararem o tema. Faz-se importante essa análise, pois a cultura dos negros escravizados ainda é tabu na sociedade, sendo estigmatizada e estereotipada. Como a proposta do simpósio abarca desafios, o debate sobre essas manifestações é fundamental para os estudos na contemporaneidade. A pesquisa tem cunho bibliográfico e tem como aporte teórico Giorgio Agamben, Roger Bastide, Adeílato Manoel Pinho, Lígia Ferreira, Elciene Azevedo, dentre outros.

Os românticos

Romancista, poeta, jornalista, Bernardo Guimarães nasceu em Ouro Preto, Minas Gerais, em 15 de Agosto de 1825, falecendo na mesma cidade, em 10 de Março de 1884. O autor tem vasta obra que aborda o índio e o negro escravo, além das paisagens naturais do interior brasileiro. É de sua autoria o famoso romance *A Escrava Isaura* (1875), livro que aborda a condição do negro em contraste com a sociedade escravocrata de sua época. Ele também escreveu o romance *Rosaura* (1881), também sobre uma escrava, mas que não fez o mesmo sucesso que *Isaura* fez. Antes da prosa, o autor foi um poeta singular, escrevendo livros como *Poesias Diversas*, *Cantos da Solidão*, *Poesias*, *Novas Poesias e Folhas de Outono*. A obra de Guimarães pode ser qualificada como “um exercício de revelação do oculto, tolerado, mas desqualificado pelo olhar canônico” (CORRÊA, 2006, p.142).

Bernardo Guimarães foi enquadrado na segunda geração romântica, chamada de ultrarromantismo ou mal do século. Essa geração de autores ficou conhecida pela vida boêmia que levavam e por geralmente morrerem jovens, de tuberculose, que não foi o caso de Guimarães que chegou quase aos sessenta anos.

Eles sofreram influências do poeta inglês Lord Byron, que ficou conhecido mais pelo estilo de vida que por sua obra, sendo Álvares de Azevedo cognominado “o Byron brasileiro” (Ramos,1965). A influência byroniana foi restrita a poesia nesse período, não influenciando a prosa. Junto com Álvares de Azevedo, Aureliano Lessa e outros estudantes da Faculdade de Direito em São Paulo, Bernardo Guimarães formou um grupo chamado “Sociedade Epicuréia” fundada em 1845.

Depois de formado no curso de Direito, Guimarães exerceu cargo de juiz de órfãos em Goiás, no período entre 1852-1854 e 1861-1864. Trabalhou como jornalista e crítico literário no Rio de Janeiro, no jornal *A Atualidade*. Entre os anos de 1864 e 1865 publicou o volume *Poesias*, na corte, contendo “*Cantos da solidão*”, “*Inspirações da Tarde*”, “*Poesias Diversas*”, “*Evocações*” e “*A baía de Botafogo*”. Em 1886 retorna para seu estado natal e foi nomeado professor de retórica e poética no Liceu Mineiro. Em 1873 foi nomeado professor de latim e de francês na cidade de Queluz, que atualmente chama-se Conselheiro Lafaiete, também em Minas Gerais.

Luiz Gama tem uma história de vida diferente de Bernardo Guimarães. Ele nasceu em Salvador em 21 de Junho de 1830. Luiz Gonzaga Pinto da Gama, nome completo do mesmo, sentiu na pele o peso da escravidão. Aos dez anos, em 10 de Novembro de 1840, foi vendido pelo pai que era fidalgo português e cujo nome o autor

nunca revelou. Quando vendido, foi para São Paulo e por lá ficou o resto de sua vida. Sua mãe era uma negra liberta, oriunda da Costa da Mina, de nação Nagô, de nome Luiza Mahin, e era revolucionária, participando de vários conflitos escravagistas na região, como a Revolta dos Malês. Nas palavras do próprio filho, em Carta a Lúcio Mendonça, em 25/07/1880:

minha mãe era baixa de estatura, magra, bonita, a cor era de um preto retinto e sem lustro, tinha dentes alvíssimos como a neve, era muito alva, geniosa, insofrida e vingativa. Dava-se ao comércio – era quitandeira, muito laboriosa, e mais de uma vez, na Bahia, foi presa como suspeita de envolver-se em planos de insurreição de escravos, que não tiveram efeito (Ferreira, 2011, p.199).

Luiz Gama se destacou na sociedade paulistana por ser fiel ao movimento abolicionista. Além disso, ele criticou duramente a sociedade da época, os ricos, os políticos, o comportamento de todos. Suas sátiras foram lidas pelos paulistanos em diversos jornais da época. Seu único livro foi *Trovas Burlescas*, publicado em 1859, pela Tipografia Dois de Dezembro, é recheado de críticas, sátiras e também algumas líras. O grande abolicionista e poeta Luiz Gama faleceu em 24 de Agosto de 1882, às 14 horas, em São Paulo. O comércio fechou em sua homenagem e muitas pessoas seguiram o cortejo fúnebre.

Afro-brasilidade nos poemas

Partiremos nesse item para uma breve análise comparativa dos poemas já citados acima dos poetas românticos. Para tal, selecionamos as estrofes mais relevantes dos poemas para a pesquisa realizada aqui. As palavras em itálicos são destacadas pelos próprios poetas, assim como as aspas e o vocabulário. Iniciaremos com *Orgia dos Duendes*, de Guimarães. Eis que o poema assim se inicia:

Meia-noite soou na floresta
No relógio de sino de pau;
E a velhinha, rainha da festa,
Se assentou sobre o grande jirau

A estrofe informa um horário e um local, sendo esses onde os escravos podiam manifestar sua religiosidade, principalmente nas zonas urbanas, pois nessa hora os senhores já estavam dormindo e eles livres do trabalho, e onde ainda hoje são realizados rituais de culto a ancestralidade em algumas comunidades. Já no início, o autor nos dá

uma pista crucial. Além disso, a velhinha pode ser interpretada como uma mãe de santo (*Yalorixa* = mãe), figura essencial nos terreiros de Candomblé. O jirau é na verdade a cadeira usada pela mãe de santo, sendo o assento especial, indicando sua importância no culto. Nesse poema “Bernardo Guimarães esgravata, portanto, os recônditos mais tenebrosos da cultura, pondo a nu a antropofagia, o infanticídio, o incesto” (SOUZA, 1993, p. 191). Além desses, o ritual de origem africana aparece entre alegorias e disfarces colocados pelo poeta.

Já décima quinta estrofe de *Uma Orquestra*, de Gama, temos:

“- Formosa deidade,
Galante Ciprina,
- Vestida à romana
-Trajando batina”.

A dona da casa pode ser associada à mãe de santo dos terreiros de Candomblé e a batina, que é o traje sagrado dos padres da Igreja Católica, infere-se que representa a vestimenta usada pela *Yalorixá* (*iyá* = mãe). No entanto, o verso menciona “Vestida à romana”, ou seja, expressa mais autoridade no seu porte do que indica teor semântico do catolicismo. Assim, a mãe de santo também usa uma roupa que represente a sua autoridade dentro do terreiro. Na passagem abaixo Azevedo aborda a identidade em Gama, como ele não abandonou suas raízes africanas:

A identidade encontrada nas Trovas, embora tenha sido em parte elaborada nesta convivência africana, aparece em 1859 em termos muito mais ambíguos. Se é verdade que ele criava uma identidade indiferenciada entre os africanos, aproximando-se assim do radicalismo daqueles que recriavam uma África no Brasil como forma de luta, Luiz Gama dá a este impulso um sentido muito particular: resgatando uma origem africana comum, que superava não só as diferenças étnicas, mas também as distinções entre brancos e negros criadas pelo regime escravista (AZEVEDO, 1999, p.75).

Na oitava estrofe de *Orgia dos Duendes* também encontramos traços da cultura negra, o batuque, ação realizada durante as danças, através dos tambores, atabaques e outros instrumentos de percussão. Nessa estrofe, a rainha, que pode ser associada a uma mãe de santo, chama as almas e pode se inferir que seria o chamado aos espíritos ancestrais:

E a rainha co’as mãos ressequidas
O sinal por três vezes foi dando,

A corte das almas perdidas
Desta sorte ao batuque chamando:

E logo na estrofe seguinte lemos o chamado:

"Vinde, ó filhas do oco do pau,
Lagartixas do rabo vermelho,
Vinde, vinde tocar marimbau,
Que hoje é festa de grande aparelho.

Nessa estrofe há outro instrumento musical de origem negra, que é o marimbau, uma espécie de berimbau, também conhecido por marimba. Os instrumentos servem para celebrar um ritual, a festa de grande aparelho como descreve o autor. A música e a dança são essenciais para reverenciar e chamar os espíritos, visto que as festas são animadas e muito dançantes. Temos acima a presença dos *alabês*, pessoas responsáveis pela musicalidade no ritual, os mestres da orquestra no Candomblé. Percebemos aí que as almas veem “do oco do pau”, ou seja, das profundezas. Se nos atentarmos as pistas “o que pode escapar a um olhar atento é a presença quase sutil de elementos de rituais africanos por entre o desfile de demônios e personagens amaldiçoadas. A inclusão de tais elementos vai aproximar o poema, alegoricamente, da cultura afrobrasileira” (PINHO, 2011, p.211), como vimos na estrofe citada.

Na quinta estrofe de *Uma Orquestra* o poeta começa a descrever o que vê ao olhar pela janela da casa. Ele utiliza o termo “velho zangão” para citar o primeiro morador do local e destaca os primeiros sons encontrados na mesma, através de um instrumento musical, o rabeção ou rabeca, feito de cordas parecido com o violino. Além dos tambores e atabaques, os instrumentos de corda foram introduzidos nos rituais africanos por influência portuguesa, Mattos (2012). Na cena descrita, o velho bate com força na rabeca, certamente para obter um som mais vibrante, como vemos na quinta estrofe:

“Mas eis que diviso
Um velho zangão,
Zurzindo raivoso
No seu rabeção”.

O músico nos remete a figura do *alabê*, que é o encarregado da orquestra no Candomblé. Como narra Lima (2011, p.122) “o *alabê* deve conhecer todas as cantigas de nação da casa, seus ‘toques’ especiais; a adequação das cantigas; ter uma forte personalidade [...]”.

Percebemos nas estrofes descritas acima personagens em comum, como a *yalorixá* ou mãe do terreiro e os *alabês*, os mestres da música. Por meio de alegorias e disfarces os poetas românticos mostraram em seus poemas algo corriqueiro em nosso país, que são as manifestações religiosas, nesse caso dos descendentes de africanos. Mostraram estar além de suas épocas por reconhecerem a presença dos mesmos em nossa sociedade ainda escravocrata.

Considerações Finais

O poema *A Orgia dos Duendes* retrata a cultura negra que por muitos anos foi estigmatizada pela sociedade e ainda hoje é vista com preconceito, como cultura menor. O poema mostra através da mistura de elementos da cultura popular, hegemônica e negra, como seria um ritual de Candomblé (onde os negros foram substituídos por seres folclóricos), ritual este desprezado pela sociedade escravocrata da época, que só aceitava o que vinha da Europa. Hoje ele nos ajuda a compreender como a sociedade enxergava tal cultura e como o estereótipo desse ritual ainda persiste entre nós, mesmo sabendo que ele faz parte do cotidiano brasileiro, já que estamos cercados seja na culinária, na dança e no léxico.

A obra nos leva a um espaço desconhecido para muitos e julgado por outros. Mesmo sabendo da sua existência (como são os terreiros de candomblé), é de extrema importância que o leitor conheça e entenda melhor essas práticas e a partir daí possa criar sua própria opinião a respeito, e não simplesmente aceitar tudo que ouve. É interessante saber que hoje, os Candomblés e Macumbas contam com adeptos não só negros, mas gente de todas as raças e classes Bastide (1985).

Além deste, conhecemos um poema de Luiz Gama, autor negro reconhecido pela crítica social que fez na época. Aqui foi mostrado um negro que se afirma como tal, que não renega suas raízes africanas, mesmo tendo sangue branco. Gama exalta sua cultura materna em *Uma Orquestra*, não se importando com as críticas. Enquanto os outros românticos exaltavam o índio, Luiz Gama elegia a África como parte da nova nacionalidade que, naquele momento, muitos literatos estavam tematizando, Azevedo (1999). Logo, percebemos as diferentes visões dos autores sobre o mesmo tema: cultura

afro-brasileira. Porém, Guimarães utiliza o ritual religioso africano como pano de fundo para uma festa satânica, sem a menor intenção de valorizá-la. Já Gama defende fielmente sua cultura materna, não a renegando perante uma sociedade escravocrata e preconceituosa, mas sim valorizando e mostrando a beleza e a riqueza presente nela.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Tradução Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- BASTIDE, Roger. **As Religiões Africanas no Brasil**. 2º Ed. São Paulo: Editora Livraria Pioneira, 1985.
- CORRÊA, Irineu Eduardo Jones. **Bernardo Guimarães e o paraíso obscuro: a floresta enfeitada e os corpos da luxúria no romantismo**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006, p.1-247.
- FERREIRA, Lígia Fonseca. **Com a palavra Luiz Gama: poemas, cartas, máximas**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2011.
- GAMA, Luiz. **Primeiras Trovas Burlescas**. Organizado por Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- GUIMARÃES, Alphonsus. **Poesias completas de Bernardo Guimarães**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1959.
- LIMA, Vivaldo da Costa. Organização do grupo de Candomblé. Estratificação, senioridade e hierarquia. *In*: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (Org.). **Culto aos Orixás, voduns e ancestrais nas religiões afro-brasileiras**. 1ªed. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.
- PINHO, Adeíto Manoel. A negação da afro-brasilidade na literatura brasileira. *In*: EVARISTO, Conceição, SILVA, Denise Almeida. **Literatura, história, etnicidade e educação**. Frederico Westphalen: URI Editora, 2011.
- SOUZA, Laura de Mello e. **Inferno Atlântico: demonologia e colonização séculos XVI – XVIII**. 2ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.